

A disputa prossegue nos bastidores

Christiane Samarco
de Brasília

O compromisso de trégua entre os aliados da base governista, que os líderes do PSDB, PFL e PMDB assumiram com o presidente Fernando Henrique Cardoso em café da manhã no Palácio da Alvorada, no entanto, parece que ainda não produziu os efeitos esperados pelo líder da coalizão. Nos bastidores, a guerra por fatias de poder ainda tem desdobramentos. Reunidos na noite de terça-feira em Brasília, ministros, governadores e líderes do PSDB decidiram insistir na criação imediata do Ministério da Produção, independentemente da reforma ministerial que só deverá vir em fevereiro, depois de aprovado o ajuste fiscal.

Foi o governador de São Paulo, Mário Covas, quem melhor resumiu a estratégia de luta do partido na reunião do alto tucanato. Para não ser confundido com os aliados fisiológicos do PFL e PMDB, o PSDB não deve entrar numa briga aberta por cargos. "Um partido que nasceu de idéias, com um programa social-democrata, só pode brigar por grandes causas. Nossa maior causa é o

sucesso do governo, e esse sucesso só virá se o governo adotar uma política desenvolvimentista".

É neste contexto que os tucanos põem pressão no Ministério da Produção, que pode até ser batizado com outro nome: Ministério do Desenvolvimento. O fundamental, na avaliação dos executivos e dos dirigentes nacionais do PSDB, é que a escolha seja rápida. O "timing" do novo ministério é 1º de janeiro, quando começa o segundo mandato de FHC.

O novo lema do PSDB é "governo novo, cara nova". E o segundo governo deve ter no novo ministério o

contraponto desenvolvimentista para a política mais ortodoxa do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do presidente do Banco Central, Gustavo Franco. Presente ao encontro, o ministro da Saúde, José Serra, fez questão de salientar que não se pode arrear um passo na defesa do que está posto, mas sem desistir do crescimento econômico.

A cúpula do PSDB não vai suge-

rir nomes ao presidente, mas também faz questão de que o escolhido seja um tucano. O líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), garante que o presidente pode escolher quem quiser para o novo ministério e no momento que julgar conveniente. "Pode pôr tucano ou periquito, hoje ou amanhã, que nós não criaremos problema algum para a votação do ajuste". Não é o que

"Nossa maior causa é o sucesso do governo, e esse sucesso só virá se o governo adotar uma política desenvolvimentista"

pensa o líder do governo no Senado, Elcio Alvares (PFL-ES). O senador sustenta a tese da incompatibilidade entre mudança ministerial e ajuste fiscal. "Ou bem se mexe no ministério, e se agita a base, ou bem se vota o ajuste em paz", raciocina. Um pefelista experiente também acredita que não há a menor condição de se abrir a discussão de ministério antes de fevereiro, sob pena de o Congresso virar cenário da guerra e não votar nada.

Líderes tucanos avaliam, porém, que o risco de criar já o Ministério da Produção é pequeno e calculado. "Depois do carnaval que os aliados fizeram por conta da conduta do Luiz Carlos (Mendonça de Barros, ex-ministro das Comunicações) na privatização da Telebrás, não há clima para armar outro, a menos que queiram ir para oposição", pondera um dirigente nacional do PSDB.

"O PSDB não abre mão do ajuste, mas também não abre mão de ser o principal instrumento do desenvolvimento econômico", emenda o se-

cretário-geral do partido, deputado Arthur Virgílio Neto (AM). "O presidente deu o tom: quer um governo desenvolvimentista e é nesse contexto que defendemos intransigente e abertamente o Ministério da Produção", lembra o líder do governo no Congresso, senador José Roberto Arruda (PSDB-DF).

A pressa é estratégica. A avaliação geral foi a de que embutir a nova pasta no bojo da reforma ministerial poderia fragilizar o presidente e o PSDB nas negociações. "Foi o presidente quem estabeleceu o cronograma, quando anunciou o novo ministério e sua intenção de entregá-lo ao Mendonça de Barros. O episódio do grampo telefônico não deve provocar recuos", disse o governador de Mato Grosso, Dante Oliveira.

Todas as ponderações feitas na reunião serão levadas ao presidente por um pequeno grupo de tucanos ilustres ainda a ser escalado. O PSDB também promete vir renovado e mais articulado no segundo mandato. A idéia é investir em novos encontros de ministros, governadores e parlamentares. Covas lembrou que o partido não tem como escapar da lealdade ao governo, até porque é governo. Mas salientou que há um espaço mal explorado de atuação, sem transigir na lealdade.

Nas brigas com os aliados, o partido vai separar o que é vital do que é artificial. Ficou decidido que o PFL não vai mais impor sacrifícios aos tucanos, como o fez ao impedir a formação do bloco PTB-PSDB. Se o presidente insistir, a resposta do partido será negativa.